

Søren Kierkegaard: Escrita e Existência

Søren Kierkegaard: Writing and Existence

André Luiz Holanda de Oliveira
(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

Resumo: Søren Kierkegaard, através dos seus livros e artigos, contribuiu decisivamente para a estruturação das diversas filosofias existencialistas do século vinte. Os seus escritos possuem um caráter inquietante, polêmico e hermético; refletindo as inquietações e dramas existenciais pelos quais o próprio filósofo passou tendo como horizonte o estágio religioso. Tendo em vista que o “tornar-se cristão” é para Kierkegaard o grande problema existencial, sua obra convoca os leitores e leitoras a fazerem esse mesmo movimento rumo à autenticidade existencial.

Palavras-chave: Kierkegaard. Existencialismo. Autonomia. Autenticidade.

Abstract: Søren Kierkegaard, through his books and articles, contributed decisively to the structuring of the various existentialist philosophies of the twentieth century. His writings have a disturbing, polemical and hermetic character; reflecting the concerns and existential dramas through which the philosopher himself passed with the religious stage as his horizon. Considering that “becoming a Christian” is for Kierkegaard the great existential problem, his work invites readers to make this same move towards existential authenticity.

Keywords: Kierkegaard. Existentialism. Autonomy. Authenticity.

1 Introdução

Quando Søren Kierkegaard morreu em 1855, parecia pouco provável que sua obra sobrevivesse e fosse difundida.¹ Os seus livros foram escritos em dinamarquês, um idioma pouco conhecido fora do seu país, onde Kierkegaard havia chegado a ser uma figura popular, muito mais pelas suas polêmicas do que pela qualidade filosófica dos seus escritos (ROUBICZEK, 1968, p.59). Entretanto, a sua filosofia inquietante, acessível através dos seus escritos, representou gradativamente o elemento definidor de toda uma postura que, desde então, veio a identificar uma preocupação com a existência humana e com o lugar do indivíduo na reflexão filosófica, na contramão dos sistemas filosóficos.

Por isso, para entendermos o pensamento de Kierkegaard, teremos de lidar (ou “lutar”) com uma obra que sofre as dores do “parto”. Isso porque Kierkegaard produziu uma obra *sui generis* que nos chama a atenção para o fato de que o ser humano não deveria se perder em meio à mera fruição do instante ou na conformidade com a multidão. O seu escopo é que o ser humano entenda que tem um chamado para assumir a sua própria existência, para ser-no-mundo, para agir, em busca de sua autenticidade.

Neste artigo, procurarei apresentar os aspectos fundamentais que guiam a escrita da obra kierkegaardiana e que constituem o *framework* indispensável para a sua leitura e exegese. Mas, primeiramente,

¹ As obras de Kierkegaard serão citadas neste artigo com as seguintes abreviaturas: AUC- *Attack Upon Christendom*. Londres: Oxford University Press, 1946.

CUP: *Concluding Unscientific Postscript*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

DP: *Os Diários e Papéis de Kierkegaard. Textos Selecionados de Søren Kierkegaard*. (Tradução de Ernani Reichmann). Curitiba: UFPR, s/d.

PV: *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra Como Escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986.

178 • Ágora Filosófica, Recife, v. 21, n. 3, p. 177-197, set./dez., 2021

precisamos entender que Kierkegaard se compreendia como um escritor e pensador com uma missão a cumprir.

2 A “missão” de Kierkegaard

Tomando como referência o *Pós-Escrito*, entendemos que Kierkegaard não teve como objetivo elaborar um sistema que advogasse ser o fundamento exclusivo da sabedoria filosófica. Na verdade, a tarefa e missão do nosso filósofo seriam mais modestas que, segundo Giles, seria a de “mostrar que uma vez um homem viu o que significa existir”, procurando comunicar o verdadeiro significado da existência, embora isso não indicasse necessariamente que ele já o houvesse alcançado (GILES, 1978, p.11). Portanto, a vocação filosófica de Kierkegaard, teria um chamado irresistível para desenvolver-se no âmbito da concretude da existência em seus limites e possibilidades.

Falando acerca desta vocação, Álvaro Valls destaca que a conversa entre Kierkegaard, então com 16 anos, e o cientista Peter Lund foi decisiva para a opção vocacional do jovem Søren² Seis anos mais tarde, em 1835, Kierkegaard, em sua carta ao dr. Lund, registrava que, embora fosse maravilhoso dedicar-se às ciências naturais, o que mais lhe importava era o problema enigmático da vida enquanto razão e liberdade (VALLS, 2000, p.11). Em seus *Papirer*, ele revela a sua busca de uma vida com profundo significado existencial:

² O Dr. Lund nasceu em Copenhague em 14 de Junho de 1801. Estudou medicina e sabendo-se tuberculoso, mas com recursos financeiros, veio ao Brasil em 1825. Em 1827 voltou à Dinamarca. Nesse ano, na casa de Henrik Ferdinand Lund, casado com Pétrea Severine (irmã de Kierkegaard), Kierkegaard, com a idade de 16 anos e o dr. Lund se conheceram, tendo uma longa conversa. Em 1833 Lund voltou ao Brasil definitivamente. Em 1835, Kierkegaard escreveu-lhe uma carta que não foi enviada. Lund viveu em Minas Gerais e pesquisou durante 50 anos nossa flora e fauna e as cavernas da região de Lagoa Santa. (Cf. REICHMANN, 1963, p. 357).

O que me falta é, no fundo, ver claramente em mim mesmo o que devo fazer e não o que devo conhecer, salvo na medida em que o conhecimento sempre precede a ação. Trata-se de compreender o meu destino, de ver o que Deus quer propriamente que eu faça, isto é, de encontrar uma verdade que seja verdade para mim, de encontrar a ideia pela qual quero viver e morrer (DP, IA75, p. 39).

Ele desejava emergir do mar da inautenticidade, do conformismo do povo em geral, tomando sobre seus ombros todo peso do existir concreto, consciente de si e do mundo ao seu redor. Desta forma, a obra de Kierkegaard não estabelece proposições e teorias racionais alheias à vida concreta do ser humano. Trata-se, portanto, de um autor profundamente inquieto que produz uma obra, em certo sentido, bastante desconfortável para quem a lê. Segundo as palavras do próprio Kierkegaard, a tarefa central de sua obra é profundamente existencial:

Meu mérito literário será sempre o de ter exposto as categorias decisivas do âmbito existencial com uma agudeza dialética e uma originalidade que não se encontram em nenhuma obra literária, ao que eu saiba, pelo menos. Também não me inspirei em obras alheias. Acrescente-se a isso minha arte de expor, sua forma, e realização lógica, mas levará muito tempo antes que alguém encontre lazer suficiente para lê-la e estudá-la seriamente. Nesse sentido minha produtividade será, quem sabe até quando, desprezada, como o prato delicado que se serve ao camponês (DP, VII A127, p.42).

Neste sentido, Kierkegaard revela a vocação de

todos os verdadeiros filósofos, que está na origem mesma da filosofia. Filosofar pressupõe a inquietação que atinge um determinado indivíduo, que lhe rouba a adequação tranquila e conformada em meio à natureza que segue instintivamente e fatalmente o seu rumo. O jovem Kierkegaard teria toda a sua vida abalada por causa da consciência de si mesmo enquanto existente. O desenvolvimento da temática da existência em Kierkegaard termina por obviamente confrontar-se com outras concepções de existência que nada mais são do que meras caricaturas que se recusam a revelar a sua inautenticidade existencial. E como a tese de Kierkegaard é que a autenticidade se encontra apenas no estágio do existir religioso, a sua obra está fundamentada no pressuposto da necessidade da nossa relação com o Absoluto, entendido como o Deus revelado pelo cristianismo.

A sua atividade literária terá principalmente o encargo de deixar claro o que significa existir religiosamente e isso não deve ser entendido em termos da religiosidade objetiva ou oficializada. Kierkegaard cria ser um dever esclarecer que a sua produção revelava que ele havia sido um autor religioso. No *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor* ele explica a verdadeira intenção da sua obra:

Esta pequena obra propõe-se, pois, dizer o que sou verdadeiramente como autor, que fui e sou um autor religioso, que toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema de tornar-se cristão, com intenções polêmicas diretas e indiretas contra a formidável ilusão que é a cristandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais, cristãos (PV, p. 22).

A sua missão, segundo ele, seria a de “limpar o terreno” para que o verdadeiro cristianismo pudesse aflorar. Ao usar esta expressão, talvez ele esteja fazendo referência ao mesmo termo que foi usado em relação ao profeta e mártir João Batista. Este não era apóstolo, mas pregou na solidão do deserto, a fim de limpar o caminho para Deus, e também teve a coragem necessária para denunciar a hipocrisia dos fariseus e saduceus que eram os líderes religiosos populares do seu tempo, bem como a dubiedade de caráter moral do poderoso rei Herodes.³ Portanto, tal como *o batista*, Kierkegaard se vê apenas como um precursor, não se considera alguém nomeado por Deus, mas mesmo assim, vê-se a serviço de Deus. Assim, ele descreve a sua missão:

Minha missão: “Limpar o terreno” – Não sou um apóstolo que anuncia algo em nome de Deus e com autoridade. Não, estou a serviço de Deus. Minha missão – é de limpar o terreno, para que Deus possa avançar (À margem, minha missão não é a de limpar o terreno com os meios comuns, mas por meio do sofrimento). Deduz-se então facilmente porque devo ser literalmente um homem sozinho e mantido em grande fraqueza e debilidade (DP, X12A250, p.46).

Todo esse esforço de Kierkegaard tinha razão de ser no fato de que ele considerava o cristianismo na Dinamarca daqueles dias uma verdadeira aberração. Como ele mesmo diz em *O Momento* nº 10: “Minha tarefa é socrática. Ela consiste em revisar a noção do que é ser um cristão: não digo que sou um cristão (na salvaguarda do

³ Cf. *Evangelho de Mateus* 3.1-10.

ideal), mas posso mostrar que os outros o são menos do que eu” (AUC, p.283).

Para ser mais exato, Kierkegaard via a si mesmo como um legista a exumar os restos mortais do cristianismo. Não que ele descesse que em algum lugar ainda houvesse o verdadeiro cristianismo, mas, de forma hiperbólica e com o intuito mesmo de impressionar os seus contemporâneos que se consideravam cristãos apenas por serem dinamarqueses, ele protestava contra a adulteração e falsificação do verdadeiro espírito do cristianismo. Sobre isso, em Janeiro de 1855, ele afirmou drasticamente no artigo *A Situação Religiosa*: “O cristianismo não existe mais. A situação religiosa em nosso país é: o cristianismo (isto é, o cristianismo do Novo Testamento – e qualquer outra coisa não é cristianismo, muito menos por assim chamar), cristianismo não existe – como qualquer um deve ser capaz de ver tão bem quanto eu” (AUC, p. 29).

Assim, enquanto dr. Lund estabelecia uma relação de exumação do mundo dos fósseis, que jazia enterrado e esquecido em meio à exuberância da floresta brasileira, ele, Kierkegaard, qual verdadeiro cientista da vida, exumava as categorias do verdadeiro cristianismo, que em sua concepção estava esquecido e morto na Dinamarca, enquanto a cristandade exibia as folhagens de uma apenas aparente exuberância religiosa:

Assim como ele vive no Brasil; perdido para o mundo, mergulhado nas escavações dos estratos antediluvianos, assim vivo eu, como se estivesse fora do mundo, perdido a exumar os conceitos cristãos. Ai de mim! – e dizer que vivo na cristandade, onde o cristianismo está em plena floração, ergue-se em sua exuberância, com seus mil pastores e

Portanto, vemos na obra de Kierkegaard dois dos eixos temáticos que figuram dentre os mais importantes do debate filosófico ocidental: a questão das categorias centrais da existência e a da possibilidade de relação entre o indivíduo e o Absoluto. Ele previu, acertadamente, que seria lido e estudado no futuro, justamente porque a sua existência teria sido mais interessante do que a de qualquer outro escritor na Dinamarca. No *Diário* ele afirma: “Eu ataco os demais precisamente porque, em lugar de servirem-se das fontes, para seus estudos, utilizam os compêndios – minha própria vida não é senão um compêndio – quando consigo vencer em qualquer discussão, o fantasma de minha própria fantasia cai em meus braços sem que nenhum argumento baste para libertar-me dele” (DP, IIA607, p. 39).

3 Metodologia filosófica e literária

Diante do que foi exposto nos parágrafos anteriores com relação à missão assumida por Kierkegaard, é muito importante entender em que consistiu o seu método filosófico-literário, pois este é fundamental por estar radicalmente relacionado com a sua perspectiva quanto ao que significa ser um existente. O método kierkegaardiano tem por objetivo partir do pensamento para a ação, e a ação pressupõe um ato de vontade. A esse respeito Álvaro Valls afirma que, já na sua dissertação sobre o conceito de ironia pode-se perceber que, ali se encontra o método, bem como as técnicas da maiêutica:

Kierkegaard está convencido de não ter uma doutrina propriamente nova ou uma teoria recém-inventada para ensinar. Recusa-se à “comunicação magistral”. A pessoas com

indigestão, diz ele, é preciso receitar um vomitório, e não mais comida. Seu esforço é socrático, provocar, interrogar, refutar, conversar com todo o mundo, nas revistas, na literatura, nos jornais, nos bares e nas calçadas das ruas de sua cidade, na Universidade de Berlim, nos teatros ou nas tabernas de Copenhague (VALLS, 2000, p.17).

Kierkegaard, assim como Sócrates que afirmava nada saber, procurava negar que era um cristão (isto é, se comparado à concepção de cristianismo vigente em sua época, na Dinamarca). Kierkegaard assume assim uma postura irônica (no sentido socrático) como metodologia, como forma de comunicação e, até mesmo, como modo de ser perante os cidadãos dinamarqueses. A esse respeito, afirma Kierkegaard:

Quando vier o leitor amigo, não terá dificuldade em ver que, quando passei por um ironista, a ironia não estava de modo algum onde julgava um venerável público cultivado; para semelhante leitor, é evidente que não iria cair na miséria de admitir que um público possa entender de ironia, o que é tão impossível como existir em massa o indivíduo; verá que a ironia consistia no fato de, neste autor estético e sob a sua "Erscheinung" (aparência) de mundanidade, se esconder o autor religioso que, exatamente nesta época, se entregava para sua edificação a tanta religiosidade, talvez como uma família inteira. Verá, além disso, que a ironia se encontra na sequência e justamente naquilo que o respeitável público cultivado tinha como demência. Numa época de ironia (esta grande assembleia de loucos) o ironista verdadeiro não tem outra coisa a fazer senão resolver toda a situação,

tornando-se ele próprio o objeto da ironia geral (KIERKEGAARD apud VALLS, 2000, p.33).

Assim, em suas obras estéticas – que objetivam demover os estetas ao primeiro passo na caminhada à autenticidade, Kierkegaard procura expor a verdade sem expô-la diretamente, “escondendo-se”, como o fizera Sócrates, em uma atitude irônica perante o mundo. Como acertadamente o expressa Valls: “A ironia o ajuda, como os atores de teatro, a dar sua interpretação sobre a existência. Ela lhe permite, entre outras alternativas, assumir a visão e a atitude apaixonada da fé”. (VALLS, 2000, p.34). A sua “missão” estabelecerá o seu modo de se comunicar com os seus interlocutores e leitores e, dependendo do seu *telos* filosófico-teológico-existencial, irá determinar se a sua comunicação se dará de forma direta ou não.

A produção literária de Kierkegaard foi organizada do princípio ao fim com o duplo caráter: estético e religioso. Esta duplicidade foi consciente e, segundo Kierkegaard, ela é condição dialética fundamental de toda a sua obra (PV, p. 27-8.). O religioso está presente desde o princípio e o estético está presente mesmo no último momento (PV, p. 28). Principiar com o estético significa lançar mão de uma apologética diferente da tradicional, procurando cativar os seus ouvintes a partir das categorias provisórias do seu estágio existencial ilusório onde não há a decisão que transforma o existente em indivíduo autêntico. Tendo isso em mente, a obra de Kierkegaard é composta tendo uma intenção inegociável: demonstrar a seriedade do estágio religioso – esfera da existência autêntica, como lemos a seguir:

Portanto, quando na cristandade um autor

religioso, cujo pensamento total se resume no tornar-se cristão, quer chegar à possibilidade de tornar os homens atentos (porque o sucesso é outro assunto), deve começar por ser autor estético e conservar, até a um certo ponto, esta faculdade; mas tem de impor-se um limite, porque não usa este gênero de produção a não ser para despertar a atenção. E há uma coisa que não deve esquecer, a retenção da adição: deve distinguir o religioso, que é o decisivo, do estético, que é o incógnito, a fim de que o jogo dialético não seja pura tagarelice (PV, p.47).

3.1A distinção entre comunicação direta e indireta

A grande preocupação de Kierkegaard foi comunicar de tal forma que os seus leitores se sentissem impelidos a agirem existencialmente, entrando numa relação pessoal com a verdade e deixando de ser espectadores da vida ou meros números dissolvidos no geral. Por isso, a relação entre pensamento e ação irá determinar se o método de comunicação será direto ou indireto.

De acordo com Kierkegaard, há conhecimentos que estão mais relacionados com a ação do que outros. Os tipos de conhecimento são os seguintes: o acidental, sem qualquer efeito sobre a ação humana, e o essencial, que se orienta para a ação e está relacionado à subjetividade e à existência da pessoa como ser moral. Neste caso, com relação à significação moral, apenas o conhecimento ético-religioso tem relação essencial com o conhecedor. O conhecimento meramente especulativo não afeta a ação humana de forma direta (ROSA, 1994, p.158).

O ponto nevrálgico é que, para ele, esse tipo de conhecimento que faz a diferença na vida, só pode ser

comunicado indiretamente, buscando atingir a vontade que leva à ação, e não apenas o intelecto. Desta forma, o indivíduo é levado a se apropriar do que até então se relacionava com o *eu* de um modo apenas superficial. A sua grande preocupação não é com a verdade científica objetiva, mas com a verdade que se instala na subjetividade, verdade que não é um mero resultado de proposições. A verdade que é achada na dimensão da existência e só pode ser conquistada por um ato de vontade do eu. *Climacus* (um dos pseudônimos de Kierkegaard) explica a diferença entre a abordagem fundada na objetividade e a abordagem indireta subjetiva. Para ele, o pensamento objetivo é completamente indiferente à subjetividade, portanto, sua comunicação é direta, pois ele não possui a arte da dupla reflexão. Nesse aspecto, o pensamento objetivo portanto só está ciente de si mesmo e, portanto, não é comunicação (GOUVÊA, 2000, p.192-3).

Como autor, Kierkegaard estruturou a sua obra com objetivos bem claros em mente. Para ele, a cristandade dinamarquesa era uma ilusão. Tais pessoas viviam sem qualquer compromisso verdadeiro com a autenticidade religiosa, sob categorias inteiramente diversas daquelas que garantiriam a fundamentação da existência. Com relação à esse aspecto, ele afirma:

Que significa que tantos milhares de homens se digam cristãos sem mais dificuldades! Como podem obter este nome inúmeros homens, cuja imensa maioria, segundo tudo leva a crer, vive sob categorias tão diferentes, como o demonstra a mais superficial observação! Como o podem eles, homens que talvez nunca vão à igreja, nunca pensam em Deus, nunca pronunciem o seu nome,

senão para blasfemar! Como o podem eles, homens que nunca compreenderam que podem ter na sua vida uma obrigação para com Deus, e que fazem de uma certa integridade física o máximo do seu ideal, se nem mesmo acham absolutamente necessária! Todos, no entanto, até os que negam Deus, são cristãos, dizem-se cristãos, são reconhecidos como cristãos pelo Estado, são enterrados como cristãos pela Igreja, são enviados como cristãos para a eternidade! (PV, p.37-8).

A proposta do filósofo seria a de atacar o âmago de tal inautenticidade, mas não drasticamente de forma direta. O ataque direto apenas faria com que as pessoas se agarrassem ainda mais aos seus pontos de vistas ilusórios e fatalmente enganosos, aumentando-lhes a tendência da manutenção do *status quo* existencial: “O ataque direto não faz mais do que ancorar o homem na sua ilusão, exasperando” (PV, p.39).

Além disso, o ataque direto também não garantiria a conquista da verdade no silêncio da interioridade. A ilusão, para Kierkegaard, só pode ser devidamente destruída pelo método indireto “que servindo o amor da verdade, observa na sua dialética todas as espécies de atenções para com o homem iludido e que, com o pudor próprio do amor, se retira para não ser testemunha da confissão que o interessado a si próprio faz, sozinho diante de Deus, quando reconhece que viveu na ilusão” (PV, p. 39-40).

O método indireto significa que o nosso autor desce da sua tribuna crítica, sem expressar juízo de valor pessoal, para viver entre os seus leitores, aos quais deseja conclamar a uma mudança de mente, a uma nova atitude

perante a vida: “Se todos estão na ilusão, dizendo-se cristãos, e se é necessário trabalhar contra isso, esta noção deve ser dirigida indiretamente, e não por um homem que proclama bem alto que é um cristão extraordinário, mas por um homem que, mais bem informado, declara que não é cristão” (PV, p.39.).

Por isso, sua obra deve principiar na dimensão existencial em que os seus leitores, a princípio, ilusoriamente se encontram: “Se, pois, por hipótese, a maioria dos cristãos só o são em imaginação, em que categorias vivem eles? Nas da estética ou, quando muito, nas categorias estético-éticas” (PV, p.39.). Depois disso, torna-se necessário apresentar as limitações do estético e do ético e a autenticidade do religioso.

A comunicação, inicialmente indireta e só depois direta, tem por objetivo a reflexão cujo universo é o interior, qual tormenta revolucionária que ocorre no eu. Essa reflexão tem por alvo levar o leitor a encontrar a verdade existencial. Para Kierkegaard, se a verdade é uma realidade existencial pessoal e viva, ela não deve ser comunicada como uma doutrina, mas como uma alternativa a ser escolhida, como uma possibilidade a ser realizada. O seu intuito maior é o de despertar o leitor para a reflexão sobre a sua própria existência:

Quando, pois, um homem vive nessa ilusão [de que todos são cristãos], por conseguinte, eram categorias puramente estéticas de todo diferentes das cristãs, que acontece se, pela sua produção estética, um autor é capaz de o cativar e de o ganhar completamente, depois, de apresentar o religioso com tanto desembaraço que o outro, no rumo para que se deixa conduzir, corre diretamente para as determinações mais decisivas do religioso? Que acontece? Este homem torna-se

necessariamente atento. Apesar de tudo, ninguém pode predizer o resultado; mas a atenção está forçosamente despertada (PV, p. 46).

Para existir autenticamente é necessário o conhecimento interior daquilo que se é, ou seja, de que se é síntese do finito e do infinito; e tal conversão filosófico-existencial não se dá a não ser no âmbito da interioridade sacudida pela reflexão. Para Kierkegaard, qualquer comunicação direta com respeito à verdade como interioridade leva a uma má compreensão. A comunicação direta sobre o que significa existir e sobre a interioridade tenderá à especulação, embora a libertação da ilusão só se dê igualmente mediante a reflexão.

O método indireto é o segredo da maiêutica, levando o que o emprega a se humilhar perante aquele a quem quer ajudar, pois ajudar não é dominar, mas servir. Com o intuito de ajudar seus leitores Kierkegaard constrói a sua obra. Mas, ajudar não é mostrar-se ambicioso, pelo contrário, é ser extremamente paciente, acatando uma postura que provisoriamente está errada e que ignora as coisas que o outro compreende (PV, p.41). Desta forma, Kierkegaard repete, em parte, a pedagogia de Sócrates, dirigindo-se aos seus leitores como um dentre eles e não como alguém que está numa posição de superioridade. Esta pedagogia da existência revela que o mestre não está numa posição superior pois ele também aprende com o discípulo em seus passos rumo à autenticidade. Acerca do método maiêutico de Kierkegaard, Ernani Reichmann afirma:

Este é o segredo da maiêutica kierkegaardiana: o método indireto, que foi aprender com Sócrates. E é assim que

Kierkegaard introduz a todos no problema religioso, como queria, sem que o leitor perceba para onde está sendo conduzido através de uma dialética que alcança momentos de rara perfeição, como nessa obra tão conhecida que é “Temor e Tremor”. Obra estética, Temor e Tremor? É o que nos diz Kierkegaard. Mas, de qualquer modo, não há quem não sinta o problema religioso a suspender o problema ético, no desenvolvimento lírico-dialético dessa obra realmente maravilhosa. Todo o pensamento de Kierkegaard mostra, por conseguinte, essa unidade extraordinária de sentido: *tornar-se cristão* (REICHMANN, 1963, p.165).

Para Kierkegaard, tudo se encontra no plano da reflexão. E como a comunicação se faz neste plano ela é, portanto, indireta. A partir da reflexão Kierkegaard está numa posição negativa. Ele não afirma ser um excelente cristão nem postula falar em nome de Deus (pois se trataria de comunicação direta). Ao contrário, ele chega a dizer que não é cristão. Na verdade, o grande problema que alimenta a sua reflexão é: a partir de dentro do cristianismo, chegar a ser um verdadeiro cristão.

3.2 A heteronímia kierkegaardiana

A obra heteronímica Kierkegaard é apresentada ao leitor como comunicação indireta, com o objetivo de levá-lo a uma decisão existencial autônoma e pessoal. Mas, é necessário o devido cuidado acerca da extensão do caráter ambíguo dos escritos indiretos de Kierkegaard. O seu objetivo, como bem observa Gouvêa, não era a ambiguidade pela ambiguidade, nem a sua intenção era a produção de uma teologia simbólica, esvaziada de

qualquer objetividade (GOUVÊA, 2000, p.194). Para Kierkegaard, na comunicação direta transmite-se um saber, ao passo que, na indireta busca-se atingir as profundezas da subjetividade, a interioridade, e a sua tarefa é o despertar da consciência existencial do indivíduo; o que lhe remete às temáticas da eternidade e do dever para com Deus (HUISMAN, 2000, p.374).

É preciso, entretanto, destacar que a comunicação indireta não constitui o todo da obra de Kierkegaard. Como ele mesmo afirmou, a comunicação deve, mais cedo ou mais tarde, acabar em comunicação direta. Isso ele fez, desde o início paralelamente, em seus discursos construtivos e, de forma explícita com a sua produção puramente religiosa. Por isso a obra de Kierkegaard foi dividida por ele mesmo em três grupos: o primeiro, de natureza estética; o segundo grupo é somente formado pelo *Pós-Escrito Não-Científico Conclusivo* que é o ponto crítico, e o terceiro grupo apresenta sua produção restritamente religiosa (PV, p.29-30).

A comunicação indireta, primeiro passo no esforço profético-reformador de Kierkegaard, se deu, como sabemos, através do uso de diversos pseudônimos – personagens representativos dos diversos estágios da existência.⁴ Devido ao uso de pseudônimos, a obra kierkegaardiana constitui-se num desafio, pois em seu estudo é preciso identificar se o pensamento apresentado é o do próprio Kierkegaard ou se é uma afirmação de uma posição contrária à dele. Isto porque, os seus pseudônimos representam, como num teatro, personagens com ideias próprias, estabelecendo-se uma dialética entre esses personagens. “Eles se constituem

⁴ Para uma descrição de todos os pseudônimos criados por Kierkegaard, pode ser consultado o excelente trabalho de GOUVÊA (2000, p.263-9):

num meio de Kierkegaard expressar ideias indiretamente, de formas diferentes e até contrárias às formas pelas quais ele mesmo faria para comunicá-las diretamente” (GOUVÊA, 2000, p.203).

Quanto ao uso literário da heteronímia, Croxall comenta que tal recurso era um tipo de moda naqueles dias entre os escritores românticos, mas que Kierkegaard não teria usado este recurso literário apenas para seguir a tendência da época (CROXALL, 1956, p.7). *Nos Diários e Papéis*, ele deixa claro que, em vez de apresentar teoricamente diferentes pontos de vista, preferiu criar e apresentar aos leitores diversas personagens que representavam aquelas diferentes perspectivas. Cada um deles é uma entidade completa, a tal ponto que podemos estudar a individualidade de cada uma delas e através de seus muitos juízos (cada qual só relativamente verdadeiro) poderemos chegar às nossas próprias conclusões (CROXALL, 1956, p.7).

Cada heterônimo, portanto, é vividamente retratado de acordo com o estágio existencial que Kierkegaard deseja examinar. Assim, *Johannes Climacus* trata do dilema entre a dúvida e a fé. *Vigilius Haufniensis* ocupa-se dos aspectos psicológicos do pecado e da ansiedade. *Johannes de Silentio* e *Constantin Constantius* ocupam-se da ética, a partir dos aspectos envolvidos no relacionamento de Kierkegaard com Regine Olsen. *Anti-Climacus* é o cristão ideal, etc. Kierkegaard queria que os seus leitores se identificassem com os seus personagens e para isso criou mais de vinte personagens, cuidadosamente forjados como indicativos das possíveis situações existenciais.

Mesmo usando todos esses heterônimos, é possível que a autoria de Kierkegaard nunca fosse realmente um segredo para os habitantes de Copenhague. A esse

respeito sugere Louis Mackey:

Um pseudônimo kierkegaardiano é uma *persona*, uma pessoa imaginária criada pelo autor com propósitos artísticos, não um *nom de plume*, um nome fictício usado para proteger sua identidade pessoal dos perigos e embaraços da publicidade. Quando Kierkegaard assinava seus livros com nomes impossíveis como Johannes de Silentio (João de Silêncio) e Vigilius Haufniensis (Vigia de Copenhague), ninguém no pequeno e fofoqueiro mundo das letras da Dinamarca tinha a menor dúvida sobre sua origem. Nem ele queria que tivessem; seu propósito não era a mistificação mas a distância (MACKKEY, 1971, p.247).

4 Considerações Finais

A partir da extensa obra de Kierkegaard, podemos perceber que a existência é o tema crucial da filosofia kierkegaardiana, que se desenvolve, através de escritos veronímicos e pseudonímicos, num movimento dialético cujo objetivo era despertar os seus contemporâneos para a seriedade do que significava viver. Quando nos aproximamos do pensamento filosófico de Kierkegaard notamos que a sua obra está diretamente voltada para a concretude da existência humana, com todas as suas possíveis implicações, problemas, possibilidades e limites.

A sua biografia está numa relação dialógica com a sua filosofia, ou seja, a vida de Kierkegaard talvez seja mais relevante para a sua obra do que aconteceu com a maioria dos grandes nomes da história da filosofia. Nesse particular, muitos eruditos que se dedicam a estudar suas ideias entendem ser necessário começar pela sua personalidade, embora o conteúdo filosófico dos seus

livros subsista autonomamente (MACKINTOSH, 1964, p.200). Outros advertem, entretanto, quanto ao perigo de se ler Kierkegaard muito mais psicanaliticamente do que filosoficamente; tomando a sua biografia como referencial hermenêutico maior.⁵

Diante de tudo isso, podemos afirmar, sem dúvida, que a sua biografia fornece o pano-de-fundo não apenas vivencial, mas principalmente fundamental para a sua compreensão de mundo, sem que isso diminua ou restrinja o impacto e a relevância filosófica daquilo que ele escreveu. Portanto, o impacto de sua biografia sobre a sua obra não pode ser nem exagerada nem desprezada.

Referências

CROXALL, T.H. *Kierkegaard Commentary*. New York: Harper and Brothers Publishers, 1956.

GILES, Thomas. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EDUSP, 1978.

GOUVÊA, Ricardo Q. **Paixão pelo paradoxo: uma introdução a Kierkegaard**. São Paulo: Novo Século, 2000.

HUISMAN, Denis. **Dicionário de Obras Filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KIERKEGAARD, Søren. *Concluding Unscientific Postscript*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

KIERKEGAARD, Søren. **Os Diários e Papéis de Kierkegaard**. Textos Selecionados de Søren Kierkegaard. Curitiba: UFPR, s/d.

KIERKEGAARD, Søren. **Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra Como Escritor**. Lisboa: Edições 70, 1986.

MACKAY, Louis. **Kierkegaard: A Kind of Poet**. Philadelphia:

⁵ Estudiosos como Howard Hong, têm alertado quanto a este erro, isto é, de se estudar a obra kierkegaardiana exclusivamente sob a influência interpretativa de uma “falácia genética” (Cf. GOUVÊA, p.25).

University of Pennsylvania Press, 1971

MACKINTOSH, Hugh. **Corrientes Teológicas Contemporâneas**: De Schleiermacher a Barth. Argentina: Methopress, 1964.

REICHMANN, Ernani. **Intermezzo Lírico-Filosófico**. Curitiba: Edição do autor, 1963.

ROUBICZEK, Paul. **El Existencialismo**. Barcelona: Editorial Labor, 1968.

ROSA, M. **Antropologia filosófica**: uma perspectiva cristã. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.

VALLS, Álvaro. **Entre Sócrates e Cristo**: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

André Luiz Holanda de Oliveira

Doutor em Filosofia (UFPE/UFPB/UFRN) e professor da Graduação e do Mestrado em Filosofia da UNICAP.

E-mail: andre.holanda@unicap.br

Submetido: 17/09/2021

Aprovado: 13/11/2021